



HÁ UMA VIA PARA A ANÁLISE DE DISCURSO FORA DA GRAMATICALIZAÇÃO E DA DESMARXIZAÇÃO?

Luís Fernando Bulhões Figueira

Este curso vai começar pelo enunciado de um certo número de propostas didáticas e dogmáticas. Estes adjectivos, não o ignoro, não têm boa reputação. Mas isso não é grave: importa não ceder ao fetichismo, nem ao contra-fetichismo das palavras. (ALTHUSSER, 1979, p.13).

Este trabalho tem por objetivo apresentar brevemente a pesquisa realizada em nível de doutorado que resultou na escrita da tese: *O "althusserianismo em linguística": a teoria do discurso de Michel Pêcheux*. O objetivo principal dessa investigação foi identificar os fundamentos epistemológicos da teoria pecheutiana do discurso, lançando um olhar sobre as relações entre a filosofia marxista de Louis Althusser e textos de Michel Pêcheux. Nosso ponto de partida se deu com o seguinte questionamento: **o que é a Análise de discurso se a obra de Althusser existe?**

Para tentar respondê-lo, julgamos necessário construir um gesto de leitura outro sobre o processo histórico de constituição e desenvolvimento da Análise de discurso (AD) pecheutiana, na medida em que diversos autores – tais como: Carvalho (2008), Courtine (1991), Gregolin (2004), Maldidier (2003), Mazière (2007), Paveau; Rosier (2005), Paveau (2007), Paveau (2008), Pêcheux (1981), Pêcheux (1997a), Pêcheux (1997b), Pêcheux (2006), Plon (2003) e Teixeira (2005), - já haviam, de certo modo, realizado tal reconstituição histórica. Nas referências citadas acima, pudemos identificar como regularidade o reconhecimento consensual de que a teoria de Pêcheux repousa sobre fundamentos filosófico-epistemológicos althusserianos.

Entretanto, obras como as de Courtine (1991) e Gregolin (2004), por um lado, mas também as de Teixeira (2005), Plon (2003) e Carvalho (2008), por outro, apresentam como estranha (?) regularidade a suposição de que: embora a teoria do discurso de Pêcheux repouse sobre fundamentos althusserianos, os entraves e aporias que a AD havia enfrentado, sobretudo na passagem da década de 1970 à de 1980, teriam como causa justamente a sua inscrição no marxismo de Althusser. Tais obras, que de certo modo buscaram reconstituir a história da AD, podem ser caracterizadas como textos representativos de posições de pesquisa que se consolidaram no campo dos estudos discursivos (CED) em território brasileiro, às quais nomeamos, respectivamente, como posição foucaultiana e posição lacano-psicanalítica. Colocamo-nos, a partir daí, a desenvolver a investigação em duas frentes.

Relações entre a AD de Pêcheux e o marxismo althusseriano.

Na primeira frente de investigação, analisamos textos de autoria de Althusser e de Pêcheux, na busca por perscrutar as relações existentes entre as obras desses autores. Tais análises nos

encaminharam a duas conclusões. Primeiramente, pudemos identificar de que maneira os fundamentos epistemológicos da AD pecheutiana – (1) desconfiança em relação à evidência do sentido, (2) crítica do sujeito causa-de-si e (3) imbricação entre político e simbólico (via Ideologia) – assentam-se sobre a filosofia althusseriana. A segunda conclusão encaminhada pelas análises revelou que, embora Pêcheux realize em seus textos (auto)críticas de caráter epistemológico ao marxismo althusseriano, essas não chegam a configurar uma ruptura política com as bases do projeto marxista.

Pêcheux (1981) questiona o fato de que as análises discursivas simplesmente espelhavam, de certa maneira, os desígnios políticos marxistas, revelando, pois, certa falta de autonomia do fazer teórico em relação às práticas políticas *stricto sensu*. Eis, portanto, a razão para a crítica pecheutiana dirigida às sobreinterpretações antecipadoras, as quais tomam o discurso apenas como estrutura destinada à repetição parafrástica, desconsiderando o caráter evenemencial de imprevisibilidade dos acontecimentos enunciativo-discursivos.

Além disso, Pêcheux critica também o cientificismo presente na tradição marxista, no “estruturalismo político” (PÊCHEUX, 2006, p.46) e, em certo sentido, na própria AD. A esse respeito, o autor defende que se reconheça a história como uma “disciplina de interpretação”, e não como uma “física de tipo novo” (PÊCHEUX, 2006, p.42), segundo o modelo galileano de ciência, situado no domínio do que é logicamente estabilizado. O alvo do autor aqui é o que ele denomina de “narcisismo da estrutura” (PÊCHEUX, 2006, p.46).

No entanto, a despeito de todas essas reformulações críticas dirigidas ao marxismo, ao estruturalismo político e à própria AD, entendemos que Pêcheux tenha permanecido inscrito politicamente no marxismo, conforme parecem indicar alguns trechos de seus últimos textos, como, por exemplo, o que segue:

A questão aqui não é a de saber se O Capital e as pesquisas que dele derivaram produziram o que chamei de “coisas-a-saber”: mesmo para os adversários, os mais ferozes, do marxismo, o processo de exploração capitalista, por exemplo, constitui incontestavelmente uma coisa-a-saber, da qual os detentores de capitais aprenderam a se servir tanto, e, às vezes, melhor que aqueles que eles exploram. O mesmo acontece, para a luta de classes e várias outras “coisas-a-saber”. (PÊCHEUX, 2006 [1983], p.37)

Em suma, entendemos que as críticas empreendidas por Pêcheux ao marxismo são feitas a partir de uma posição que permanece sendo marxista.

Sustentamos também que, apesar de todas as reformulações teóricas - do primado da estrutura para o acontecimento, do homogêneo para o heterogêneo, do mesmo para o outro, do necessário para o contingente, da paráfrase para a polissemia, da regularidade para a equivocidade, etc. – o núcleo epistemológico da AD de Pêcheux tenha permanecido inalterado em meio ao que se convencionou chamar a passagem da segunda para a terceira época da teoria. Senão, vejamos: mesmo ainda hoje, a suspeita sobre a evidência do sentido, a implicação mútua entre político e simbólico, e a crítica à noção de sujeito da consciência continuam a constituir as bases fundadoras do projeto pecheutiano de uma semântica discursiva. Aliás, é por isso que podemos falar em épocas de uma “mesma” teoria, e não de duas ou mais teorias diferentes na breve história da AD.

Relações entre a AD de Pêcheux e o marxismo althusseriano na ótica de outros autores.

Posto que não há leituras inocentes, comecemos por confessar de que leituras somos culpados. (ALTHUSSER, 1996 [1965], p.4, apud GRÜNER, 2007, p.101).

Na outra frente de análise, colocamo-nos a examinar os modos pelos quais certos historiadores da AD interpretam as relações existentes entre o althussero-marxismo e a teoria pecheutiana, ao mesmo tempo em que buscam, a partir de tais interpretações, reconstituir o percurso histórico do desenvolvimento da AD.

A partir do método arqueogenealógico (nietzscheano-)foucaultiano¹, foi possível identificarmos alguns modos de funcionamento discursivo (apagamento, esquecimento e forclusão) na maneira como se constroem as interpretações, dos autores referidos abaixo nesta seção, sobre as relações entre as obras de Althusser e de Pêcheux. Frente a tais gestos de leitura, propusemo-nos a construir o nosso próprio gesto de interpretação sobre tais obras, a fim de avaliar as críticas dirigidas ao althusserianismo.

Maldidier (2003) explicita seu propósito de realizar uma reflexão estritamente teórica do percurso de Pêcheux, sem tocar especificamente em questões de natureza política, que ela, no entanto, considera centrais para o projeto pecheutiano de construção de uma AD, a saber: a prática de produção de conhecimentos e a prática política revolucionária do proletariado.

Courtine (1991), por sua vez, defende que não seria possível reconstituir o percurso histórico da AD sem analisar o contexto político-ideológico no qual o projeto teórico pecheutiano esteve envolvido desde os anos 1960 até o início dos anos 1980. Em seu texto, Courtine aponta para dois processos que caracterizam transformações substanciais no modo como se passou a fazer AD na França após o “desaparecimento” de Pêcheux e da tradição de pesquisa por ele encabeçada. Tais processos são designados como gramaticalização e desmarxização.

Posicionando-se contrariamente à gramaticalização da AD, Courtine, entretanto, parece não se opor ao processo de desmarxização do campo. Seus argumentos são construídos no sentido de apontar para o althusserianismo como principal responsável pelos equívocos cometidos na/pela AD pecheutiana.

Dentre as críticas que o autor efetua em relação ao althussero-marxismo e à AD estão: equivocidades na interpretação de noções como “real da língua” e ideologia (concebida por Althusser enquanto prática); apagamento das intervenções políticas de Althusser; críticas à falta de sintonia entre o althusserianismo e a realidade histórico-política de então; e por fim, desconsideração do princípio fundamental do althusserianismo: o não-espelhamento entre a dimensão real-histórica-econômica-material da vida e a dimensão ideológica-representacional-imaginária do sujeito (onde intervêm as noções de “sobredeterminação” e “todo complexo estruturado com dominante”).

¹ Tal método repousa sobre três princípios: (1) uma posição filosófica perspectivista, em oposição ao relativismo; (2) a organização das análises entre os conjuntos genealógico e crítico, tal como Foucault postula em “A ordem do discurso”; (3) uma escrita da história assumidamente parcial, pois não nega a existência da sua própria vontade de saber/poder.



Desse modo, a ruptura em relação ao marxismo althusseriano tornar-se-ia pré-condição para que a AD superasse seus próprios impasses teóricos. Courtine (1991, p.169) chega a fazer menção ao “falecimento” do marxismo e a sugerir explicitamente que se retome o lugar de direito da historicidade nas análises discursivas, mas não a partir da filiação ao materialismo histórico, e sim a partir da obra de Michel Foucault.

Num movimento semelhante à *démarche* de Courtine, Gregolin (2004) também empreende críticas ao althusserianismo. Dessa maneira, busca diagnosticar razões pelas quais o empreendimento teórico de Pêcheux havia se deparado com seus limites. Nesse gesto de leitura, identificamos equivocidades na interpretação de noções althusserianas como: aparelhos ideológicos de Estado, Estado, poder e ideologia (“relação imaginária” (GREGOLIN, 2004, p. 43) X representação da relação imaginária). A autora também indica a obra de Michel Foucault como referencial teórico capaz de fornecer à AD os elementos necessários à superação de seus impasses.

Teixeira (2005) procede de maneira similar, mas diferente. Na visão da autora, os impasses enfrentados pela AD pecheutiana podem ser explicados por uma leitura limitada que o autor teria feito da psicanálise lacaniana. Segundo a argumentação desenvolvida na obra, tanto Pêcheux como Althusser haviam trazido do saber lacaniano a noção de imaginário para conceituar a noção de sujeito, sem, contudo, trazerem para suas reflexões a noção de real. Como possível “solução” para os impasses enfrentados pela AD, Teixeira (2005) sugere ainda que se recorra à teoria psicanalítica de modo a refletir sobre as implicações de noções como as de real, inconsciente, pulsão e desejo no campo do discurso. Em relação à dimensão da historicidade, a autora deixa claro que não pretende elaborar uma articulação entre o materialismo histórico e a psicanálise. Alternativamente, sua proposta é a de afastamento em relação à positividade representada pelo materialismo, buscando na Nova História e, especialmente, nos trabalhos de Michel de Certeau elementos para desenvolver o “projeto de Pêcheux” (TEIXEIRA, 2005).

Diante das posições colocadas pela autora, indagamos: as autocríticas realizadas em Pêcheux (1981), Pêcheux (1997b) e Pêcheux (2006) não teriam sido suficientes para superar os impasses da “epistemologia totalizante” materialista e da “leitura limitada” do lacanismo? Mas a resposta, quem nos dá não é a autora, é Plon (2003).

O autor propõe-se também a analisar as causas daquilo que teria falhado no empreendimento pecheutiano. Segundo ele, poder-se-ia dizer, em linhas gerais, que a filiação política de Pêcheux ao althusserianismo o teria impedido de suportar o “falhamento ao infinito” postulado pela psicanálise. Consequentemente Pêcheux não teria percebido (ou só tardiamente) a incompatibilidade epistemológica entre marxismo e lacanismo, incompatibilidade essa que tornava inviável (impossível) o projeto de articular materialismo histórico e psicanálise. Plon (2003) diagnostica no ato de retificar (prática recorrente tanto em Althusser quanto em Pêcheux) um sintoma dessa dificuldade em suportar o falhamento e em aceitar a “impossibilidade” do projeto político marxista. Contrariamente a essa posição, defendemos que o ato de retificar é a operação que permite ao sujeito manter a sua realidade/fantasia minimamente estruturada, como forma de resistência aos efeitos traumáticos e desintegradores do Real. Em outras palavras: retificar é o que poderia impedir a afânise (auto-



obliteração) do sujeito (o aniquilamento de sua dimensão desejante). Defendemos, também, que a “impossibilidade” não é uma “categoria neutra” (DALY, 2006, p.20), como parece ser trabalhada em/por certa ortodoxia lacaniana, e concordamos com Daly (2006, p. 22) que a questão fundamental é “como se entende politicamente a impossibilidade”:

Se o Real é o impossível, podemos perguntar: como se entende politicamente o Real? Que Reais (no plural mesmo) emergem quando se olha de diferentes perspectivas/pontos de vista/filiações ideológicas? O Real é traumático e insuportável *para quem*? Devido a quais razões? É traumático para uma posição-depesquisa pelas mesmas razões que é insuportável para outra? “Desse modo, **a impossibilidade perde sua inocência** e, longe de abarcar uma simples dimensão reprimida, representa algo que visivelmente **funciona como um suplemento ideológico implícito/obsceno na *realpolitik* de hoje.**” (DALY, 2006, p.21 – destaques nossos). (FIGUEIRA, 2012, p.53)

Vemos, portanto, como diferentes autores inscritos em diferentes perspectivas teóricas apresentam em comum a responsabilização do althussero-marxismo pelos equívocos e aporias que ameaça(va)m (?) a consistência epistemológica do projeto pecheutiano de AD.

Nosso gesto de interpretação dos textos pecheutianos e althusserianos nos levou a concluir que as críticas empreendidas pelos historiadores da AD acima citados ora podem ser caracterizadas como ilegítimas, ora como legítimas, porém anacrônicas (quando desconsideram as refacções, reformulações e autocríticas realizadas por Althusser e Pêcheux em suas trajetórias intelectuais).

Implicações da forclusão do althussero-marxismo

Diante do consenso em apontar o althusserianismo como “bode expiatório” da AD, colocamos as seguintes questões: que razões teriam levado perspectivas de pesquisa *tão singulares*, como as posições foucaultiana e lacaniana, a produzir um veredito *tão semelhante* na avaliação do papel que o althusserianismo desempenhara na elaboração da teoria pecheutiana do discurso? Em que “filiações sócio-históricas de identificação” (PÊCHEUX, 2006, p.56) em comum tais instâncias-sujeito² se inscrevem quando, a partir de perspectivas teóricas distintas, concordam que a superação dos impasses da AD deveria necessariamente passar por um distanciamento/afastamento/ruptura em relação ao althussero-marxismo? Que efeitos de sentido emergem da ilegitimidade e do anacronismo das críticas que tais posições de pesquisa dirigem ao althusserianismo? Que efeitos teóricos (epistemológicos) e práticos (políticos) a forclusão da constitutividade althusseriana da AD pode provocar? Por que a forclusão do marxismo althusseriano foi o caminho escolhido pelas correntes pós-estruturalistas/pós-modernistas da AD? Em outras palavras: **como apareceram essas leituras da obra de Althusser e não outras em seu lugar?**

Hipotezamos que as críticas dirigidas ao althussero-marxismo, provenientes de posições de pesquisa distintas no CED, constituem índices de sua inscrição comum na discursividade pós-estruturalista/pós-modernista, cujos princípios repousam sobre a desconstrução das Grandes Narrativas e dos ideais da modernidade (entre eles o marxismo e o socialismo).

² Representação discursiva dos autores na materialidade linguístico-textual.



Indicamos também a hipótese de que, no contexto de refluxo ou crise do marxismo (desde os anos 1980), quando enunciadas críticas ilegítimas ou anacrônicas ao althussero-marxismo, essas podem representar um *sintoma*³ de como a discursividade pós-estruturalista/pós-modernista se inscreve na formação ideológica neocapitalista, uma vez que tal discursividade contribui para o silenciamento/apagamento do papel que as contradições econômicas desempenham nos processos de produção de sentidos e de conhecimentos, ao mesmo tempo em que funciona como elemento teórico fiador do discurso do imobilismo frente às práticas políticas que visam à transformação social.

Ao se construírem críticas ilegítimas ao althusserianismo constitutivo da AD, desconsidera-se a espessura teórica da rede de conceitos forjada pelo filósofo em sua obra, ao mesmo tempo em que se ignoram os complexos feixes de relações que se estabelecem entre suas teses em momentos diferentes de sua trajetória. Constrói-se assim uma caricatura do pensamento de Althusser - ao modo do que também ocorre com o pensamento de Marx, segundo Eagleton (2012) -, a qual o torna mais propenso a ser rechaçado e defenestrado. Produz-se a rejeição/exclusão dos saberes e posicionamentos althussero-marxistas no quadro epistemológico da teoria do discurso. Tal processo, aliado ao “tabu do economicismo” (DALY, 2006, p.24) e ao fetiche-excesso (EAGLETON, 1998, p.72) sobre novos objetos (corpo, sexualidade, perversão, etc.), aponta para a inscrição das correntes pós-modernistas de AD na formação ideológica neocapitalista. Esta, por sua vez, postula o fim da História, a inevitabilidade da ordem capitalista e a inviabilidade de se construir uma alternativa sócio-política (como o socialismo), devido às (supostas) condições de impossibilidade, localizáveis nas próprias falhas “imanentes” ao projeto marxista. Trata-se aí de uma forma de denegação da política (pós-)marxista no meio acadêmico-universitário.

Forja-se também a ideia de que haveria uma *incompatibilidade intrínseca*, (apriorística) entre o corpo de conhecimentos marxistas e as vanguardas pós-estruturalistas já mencionadas. Segundo tal raciocínio, não haveria como desenvolver um pensamento teórico inscrito em perspectivas de vanguarda pós-modernas e ao mesmo tempo continuar defendendo absurdos como: a existência de classes sociais, luta de classes, exploração da mais-valia, aparelhos ideológicos de Estado, assujeitamento ideológico, entre outros conceitos *naïfs* provenientes do marxismo e do althusserianismo.

A esse postulado pós-modernista, que estabelece a incompatibilidade entre pós-modernismo e luta de classes, Žižek (2000, p.90) defende a “recusa de escolha”. Em sua visão, não há por que substituímos a teoria e a política marxistas pela teoria e a política pós-modernistas. Deve-se, segundo o autor, incorporar as contribuições teóricas e a agenda pós-moderna à filosofia e à práxis da luta marxistas. Além disso, o filósofo e psicanalista esloveno alerta para o perigo de as críticas pós-modernistas ao marxismo funcionarem como elemento de chantagem para inviabilizar movimentos políticos efetivamente engajados na tentativa de transformação social:

no momento em que se mostra um mínimo sinal de engajamento em projetos políticos que objetivam seriamente modificar a ordem existente, a resposta é

³ No sentido freudiano do termo: “mensagem codificada sobre meus segredos mais íntimos, meus desejos e traumas inconscientes” (ŽIZEK, 2010, p.19).



imediatamente: 'Caridoso como é, isso terminará necessariamente em um novo Gulag!' O 'retorno à ética' na filosofia política de hoje vergonhosamente explora os horrores do Gulag ou do Holocausto como o derradeiro fantasma para chantagear-nos a renunciar a todo engajamento radical sério. Nesse sentido, canalhas liberais conformistas podem encontrar satisfação hipócrita em sua defesa da ordem existente: eles sabem que há corrupção, exploração, e assim por diante, mas toda tentativa de mudar as coisas é denunciada como eticamente perigosa e inaceitável, evocando os fantasmas do Gulag ou do Holocausto... (ZIZEK, 2000, p.127)

Entendemos que a AD também corra esse risco, se se dispuser a abandonar suas filiações althussero-marxistas.

É passada a hora de juntar os cacos e se olhar no espelho.

Não se escolhe uma herança, ela se impõe ao herdeiro que, no entanto, pode preferir preservá-la viva ou condená-la à morte. Ao se reafirmar uma herança se pode evitar que venha a morrer; reinterpretá-la é condição para lhe dar um lugar na atualidade (BARBISAN; FLORES, p.20)

Diante desse quadro, em que os discursos pós-estruturalistas, pós-modernistas e neocapitalistas gozam de certa hegemonia, colocamos as seguintes indagações:

o que quer e o que pode a AD hoje? Ser um prolongamento da linguística no estudo da *alíngua*? Ser um aparato teórico sofisticado, destinado a produzir leituras perfeitamente possíveis de serem construídas sem este mesmo aparato? Ser um instrumento no meio acadêmico-universitário de apagamento das questões político-econômicas? Ou ser um elemento de reflexão na busca por construir gestos de leitura socialmente significativos, no sentido de que, qualquer que seja o objeto da análise discursiva, sempre se tenha em vista as implicações dos discursos na vida sócio-político-econômica de uma formação social? (FIGUEIRA, 2012, p.179-180)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBISAN, L.; FLORES, V. Sobre Saussure, Benveniste e outras histórias da linguística. In: NORMAND, C. *Convite à linguística*. Trad. de Cristina de Campos Velho Birck et al. São Paulo: Contexto, 2009.
- CARVALHO, F. Z. F. *O sujeito no discurso*: Pêcheux e Lacan. Belo Horizonte: POSLIN/FALE/UFMG. Tese de Doutorado. 2008.
- COURTINE, J-J. Le discours introuvable: Marxisme et linguistique (1965-1985). *Histoire Épistémologie Langage*. Tome 13, fascicule 2, 1991. pp. 153-171.
- DALY, G. Introdução: arriscando o impossível. In: ZIZEK, S.; DALY, G. *Arriscar o impossível: conversas com Zizek*. São Paulo, Martins Fontes: 2006.
- EAGLETON, T. *As ilusões do pós-modernismo*. Tradução: Elisabeth Barbosa. Rio de Janeiro, Zahar, 1998.
- _____. *Marx estava certo*. Nova Fronteira. 2012.
- MALDIDIER, D. *A Inquietação do Discurso*: (re)ler Michel Pêcheux hoje. Campinas: Pontes, 2003.
- MAZIÈRE, F. *Análise do discurso: história e práticas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- PAVEAU, M-A. Discours et matérialisme: Quelques points d'articulation entre la pensée althussérienne et l'analyse du discours dite "française", contribuição ao GRM (Groupe de Recherches



Marxistes), seminário “*Recepções e releituras do marxismo nos anos 1960 na França e na Itália*”, Paris, ENS, Ulm, 2007. Disponível em: <http://www.univ-paris13.fr/cenel/fiches/MarieAnnePaveau.htm> . Acesso em: 11/02/2011.

_____. La roue du moulin à paroles: Analyse du discours, inconscient, réel, altérité. *Matraga 22*, Revista do Programa de 3º ciclo de Letras da UERJ, 2008. Disponível em: <http://www.univ-paris13.fr/cenel/fiches/MarieAnnePaveau.htm> . Acesso em: 11/02/2011.

_____; ROSIER, L. Éléments pour une histoire de l'analyse du discours : Théories en conflit et ciment phraséologique. Comunicação no colóquio “*A análise do discurso na França e na Alemanha: tendências atuais em ciências da linguagem e ciências sociais*”. Créteil, Céditec, 02 de julho, 2005. Disponível em: <http://www.univ-paris13.fr/cenel/fiches/MarieAnnePaveau.htm> . Acesso em: 11/02/2011.

PÊCHEUX, M. A Análise de discurso: três épocas (1983). In: GADET, F e HAK, T. (Orgs.) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1997a.

_____. Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação. (1978). In: *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. E. P. Orlandi et al. – 3ª ed.. Campinas: Editora da Unicamp, 1997b.

_____. L'étrange miroir de l'analyse de discours. *Langages*, 15e année, n°62, 1981. (pp. 5-8). Disponível em: http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/lgge_0458-726X_1981_num_15_62_1872 .

_____. *O Discurso: estrutura ou acontecimento*. Trad. E. P. Orlandi – 4ª Ed. – Campinas, SP: Pontes Editores, 2006. (título original: *Discourse: structure or event?*, 1988)

PLON, M. Analyse du discours (de Michel Pêcheux) versus analyse de l'inconscient. Conferência ministrada no: *I Seminário de Estudos em Análise do Discurso (I SEAD)*, realizado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) em Porto Alegre, 2003. Disponível em: http://www.discurso.ufrgs.br/evento/conf_02/plon.pdf . Acesso em: 21/11/2011.

RAMIREZ, H. Sobre a metáfora paterna e a forclusão do Nome-do-pai: uma introdução. *Mental*. Novembro de 2004. Vol. II, nº 3. UNIPAC, Barbacena. (pp. 89 – 105)

TEIXEIRA, M. *Análise de discurso e psicanálise: elementos para uma abordagem do sentido no discurso*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

ZIZEK, S. Class Struggle or Postmodernism: yes, please! In: BUTLER, J.; LACLAU, E; ZIZEK, S. *Contingency, Hegemony and universality: contemporary dialogues on the left*. Londres, Nova Iorque: Verso, 2000.

ZIZEK, S. *Como ler Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.